

EDUCAÇÃO FÍSICA E HOMOSSEXUALIDADE: INVESTIGANDO AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ESTUDANTES DO CENTRO DE DESPORTOS/UFSC

Marcelo Victor da Rosa¹

Resumo

Este texto foi elaborado a partir dos principais pontos apresentados na defesa de dissertação de mestrado na área de teoria e prática pedagógica na Educação Física. Este estudo objetivou em investigar quais as representações sociais de professores/as em formação em relação à homossexualidade nas diversas práticas pedagógicas do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina através de quatro categorias: gênero, identidade, preconceito e práticas corporais, as quais foram articuladas entre autores, sujeitos e pesquisador.

Palavras Chaves: Homossexualidade, Gênero, Identidade, Preconceito e Educação Física.

Abstract

This text was elaborated from the main points presented on the defence of master's thesis in the area of theory and pedagogical practice in Physical Education. The objective of this study was to investigate the undergraduation teachers of Physical Education social representation in relation to homosexuality in the diverse pedagogical practice in Physical Education at UFSC (Federal University of Santa Catarina through four categories: gender, identily, prejudice and body practice, which were articulated among authors, subjects and researcher.

Key words: Homosexuality - Gender - Identily - Prejudice and Physical Education.

O problema de pesquisa em questão consistiu em *investigar quais as representações sociais² dos/as professores/as em formação na Educação física em relação à homossexualidade, nas diversas práticas pedagógicas do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.*

Através de um resgate do “estado da arte” na área de Educação Física, pesquisei no site do nuteses³ e nos anais do CONBRACE⁴. Também utilizei-me do trabalho de Agripino Júnior (2001), que discutiu a produção acadêmica sobre gênero na área de Educação Física durante as décadas de 80 e 90. Este trabalho comenta a escassez de pesquisas e confusões teóricas sobre o conceito de gênero, utilizando gênero como sinônimo de sexo. Isto se confirma por eu não ter encontrado trabalhos publicados sobre esse assunto.

Na produção e veiculação de artigos em revistas da área de Educação Física foram encontrados apenas dois textos: Joaquim Motta (1998) e Carlos Cunha Jr & Vitor Melo (1996), que não são frutos de dissertações e teses acadêmicas, mas de pontos de vista, o que não tira a relevância desses dois artigos para a área. A partir dessa realidade, penso que esse indicador da inexistência de estudos ligados ao homoerotismo é por si um fator relevante para a realização desta pesquisa.

Estabelecida a pergunta de partida, urge então, dimensionar o objetivo central deste trabalho que foi *investigar como professores em formação na Educação física tratam as relações homoeróticas, nas diversas práticas pedagógicas do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.*

No sentido de dar uma coerência interna ao texto, sobretudo em função das categorias surgidas no campo e nas reflexões teóricas suscitadas pelos autores, estruturei a dissertação da seguinte forma: capítulo 1, intitulado: *Imagens do Campo: Reflexões Teórico-Metodológicas*, no qual apresento as questões teóricas emergidas no campo;

¹ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina e prof. Efetivo do Estado de Santa Catarina. Esse trabalho foi orientado pelo Prof.Dr. Maurício Roberto da Silva.

² Conferir o conceito de Representações Sociais de Maria Minayo (1995) e em relação aos estudos de representações gays ver em Richard Dyer (1993).

³ <http://www.nuteses.ufu.br/index3.html>.

⁴ Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte - Realizados em 1999 (Florianópolis), 2001 (Caxambu) e 2003 (Caxambu).

capítulo 2, intitulado: Discutindo a Homossexualidade Masculina: Possíveis Caminhos de Problematizações, no qual discuto os conceitos acerca da homossexualidade masculina, articulando com algumas passagens históricas a respeito deste tema; já no capítulo 3, intitulado: Gênero, Identidade e Educação Física, Esportes e Lazer, trago à tona as categorias de gênero, identidade, preconceito, relacionando com a homossexualidade e com a Educação Física.

Os/as sujeitos/as pesquisados foram os professores em formação do curso de Educação Física⁵ que estão frequentando a 1ª e 7ª fase. Essa escolha se justifica justamente pela possibilidade de visualizar se no decorrer da formação profissional, todas as vivências teórico-práticas no curso de Educação Física da UFSC tiveram algumas interferências positivas, no sentido de entender, problematizar e trabalhar pedagogicamente com diferenças, em especial a homossexualidade.

No ano de 2002, foram coletadas informações exploratórias, de cunho qualitativo, na disciplina de Estágio de Docência. Essas primeiras informações foram importantes, pois através delas ampliei o referencial teórico e já vislumbrei futuras intervenções neste campo.

Em uma aula que tratava acerca da introdução aos estudos de gênero e possíveis relações com a educação física (após exposição e debate do conteúdo, já no final da aula) foi solicitado aos alunos/as expressarem uma pequena avaliação da aula. A maioria dos alunos concluiu que mesmo tendo entendido o assunto, acreditava que as discriminações e preconceitos dificilmente acabariam, como afirmou um acadêmico:

Ah, eu já acho assim oh: aqui é fácil de falar, olhar: Ah que bonitinho! Mas o dia que tiver um filho, eu quero ver se vão ter a concepção da coisa, eu expresso sinceramente o que eu acho, tá ligado! Eu acho muito bonitinho, olhar: Ah, que bonitinho, mas quando tiver um filho a parada é outra, eu tenho mais a consciência, eu já vejo assim, eu não gosto muito não, eu expressei a minha opinião, tá ligado!

⁵ No sentido de apresentar melhor o curso de Educação Física da UFSC, trago as seguintes informações contidas na página do CDS (www.cds.ufsc.br): OBJETIVO DO CURSO: O profissional graduado em Educação Física obterá o título de Licenciado por meio de uma formação de cunho generalista que o habilita a exercer prioritariamente a função de professor junto aos sistemas de educação escolar e secundariamente funções educacionais em opções de trabalho não escolares. O desenvolvimento da competência ao exercício de magistério balizada no espírito crítico, na originalidade, na sociabilidade e na liderança frente a sua realidade de atuação. Nesta página, podem ser encontrar outras informações como grade curricular, horários, criação do curso, departamento, núcleos e outros.

A expressão: “Ah, que bonitinho” refere-se a um vídeo em que crianças dançavam. Entre as coreografias, havia um solo, no qual o bailarino dançava de forma suave e contemporânea. Isto, de alguma forma, evidenciou para o acadêmico uma identidade homossexual na criança, o que em sua concepção (e de muitas pessoas) era repugnante. Sei que mudar esse quadro social de discriminação não é tarefa muito fácil. Só o fato de elucidar a discussão acerca do homoerotismo é por si rica e muito significativa para a formação de homens e mulheres que vivem em uma sociedade plural, mas que em alguns casos exige comportamentos e identidades padronizadas.

Essa exigência, aliada com o preconceito pode gerar nos sujeitos uma culpa de sentir desejo e prazer por pessoas do mesmo sexo. Esta culpa é retratada de uma forma bem significativa em um conto de Cooper (apud Eliane Berutti 2002) no qual um jovem se masturbava lendo revistas masculinas. Em uma das suas falas, observei tal culpa:

Depois da masturbação, vinha o remorso que me inundava, substituindo a satisfação. Cada vez que eu olhava para uma daquelas revistas, meu apetite por homens era confirmado, e me afligia pensar que o preço que teria que pagar era a condenação do mundo. Como uma pena tão horrível poderia resultar de uma sensação tão intensa?... Você anseia por uma forma de entender sua natureza. Você mergulha de cabeça no seu poço interno ... Todo dia você espera por desonra. Você procura um aliado e não encontra nenhum, porque encontrar alguém significaria que você tinha confessado. Você finge ser uma pessoa que você não é, depois se aborrece por seu fingimento ser óbvio, tão vulnerável a insultos como o próprio segredo. Numa tentativa desesperada de autoproteção, você se encolhe até virar quase nada, e mesmo assim você está lá, fechado como uma pedra (p.31).

E como termina o conto? O jovem queima as revistas como um ritual de purificação e perda do seu objeto de desejo. Esse não é apenas um conto, é uma realidade presente em milhares de sujeitos que se culpam por sentirem desejos homoeróticos. Por que ocorrem tais procedimentos?

No ano de 2003, ou seja, na segunda incursão ao campo, foram realizadas três entrevistas coletivas, uma com a 1ª fase e duas com a 7ª fase. As entrevistas partiram da exposição do filme *Delicada Atração*.

De alguma forma já bem inserido no campo de pesquisa, as entrevistas foram para mim um momento de aprendizado profundo, especialmente no que diz respeito ao distanciamento e estranhamento ao que já me é familiar, e para os alunos considero que foi

uma possibilidade de discutir e confrontar as diversas opiniões a respeito de um tema pouco tratado no curso.

Em relação ao distanciamento, tive dificuldade para “silenciar” e realmente escutar as opiniões dos sujeitos, os quais em muitos casos eram repletos de senso comum e preconceitos, muito embora também expressassem outras representações.

Acredito ter superado essa dificuldade respeitando todas as opiniões, não emitindo as minhas opiniões no momento da entrevista, pois isso poderia inibir os alunos. Digo isso, por tratar-se de uma temática delicada, complexa e também carregada de valores ético-morais e de juízo de valor. Procurei durante todo o tempo não pressionar, provocar e “testar” as diferentes posições sobre o tema. Ao contrário, como já referi antes, o silêncio, muitas vezes, se constituiu na estratégia de aproximação com os sujeitos e, ao mesmo de respeito às suas visões de homossexualidade e sociedade.

Em relação a estranhar o que me é familiar, seria o fato de já conhecer o campo de pesquisa desde 1994, contudo, realmente muitos casos e falas, me mostraram que a realidade, por mais que você a conheça, é dinâmica, e esse movimento não é tão claro de se perceber, pois exige um treino do olhar mais atento para não perder os dados provenientes das subjetividades e ambiguidades das relações humanas e principalmente da sexualidade humana. Isto se dá porque suas práticas são pouco discutidas, questionadas, e o sexo é considerado algo privativo, esses fatos ficam ainda mais agravantes em relação à homossexualidade.

Após a análise dos dados, reflexões e possíveis diálogos com os informantes e com os autores, destaco os principais resultados “achados” dessa pesquisa que expressam as representações sociais dos estudantes de Educação Física da UFSC, em relação ao tema da homossexualidade.

A utilização de um filme com temática gay faz-nos refletir a manipulação da indústria cultural e principalmente da mídia quanto à homossexualidade. Esta geralmente é tratada de uma forma estereotipada do sujeito homossexual. Por isso a escolha de se trabalhar com o filme *Delicada Atração*, pois além de discutir a homossexualidade em

diversos âmbitos sociais, não aponta uma identidade homossexual tipológica, isto é, fixa, efeminada etc.

Para resgatar as categorias desse estudo, inicio pela primeira denominada *outras categorias*, na qual realizei um breve resgate histórico da homossexualidade. Este foi de extrema importância para compreender a atual situação social, como foram construídas historicamente os modelos de homossexualidade, as influências positivas dos movimentos homossexuais e como algumas culturas e a Igreja Católica compreendem a homossexualidade.

Outro dado importante foi buscar entender os conceitos de homossexualismo, homossexualidade, homoerotismo, homossociabilidade, homoafetividade⁶, que não foi fácil, uma vez que estes trazem consigo diferentes nuances epistemológicas, cargas ideológicas e, por fim questões de ordem social, política e cultural. Falta nos estudos gays e lésbicos um estudo mais detalhado das reais diferenças epistemológicas entre esses conceitos. Os informantes desconhecem alguns dos significados discutidos para os conceitos acima apontados. Em sua maioria, os sujeitos não diferem os conceitos e associam as diferenças à intencionalidade da linguagem oral, desconhecendo as diferenças históricas entre esses conceitos, que, em linhas gerais, ou se aproximam ou se afastam de uma identidade homossexual fixa e patológica, associada aos homens e mulheres que se relacionam sexualmente com o mesmo sexo, principalmente os homens.

O conceito *gênero*⁷ também apareceu, apresentando um distanciamento e engessamento dos universos masculinos e femininos, associando a homossexualidade como pertencente a esse último.

Outro dado relevante foi a padronização de uma masculinidade, o que cientificamente é conceituado como masculinidade hegemônica. Esta configura um tipo ideal de homem, colocando os homossexuais fora desse padrão. Outro fato é o entendimento de que as mulheres aceitam mais facilmente os homossexuais do que os

⁶ Cf. autores que discutem tais conceitos: Jurandir F. Costa (1992); Peter Fry (1982); E. MacRae (1985); James N. Green (2000); Emerson C. Inácio (2002); Richard G. Parker (1991); João S. Trevisan (2000) e Colin Spencer (1996).

⁷ Cf. autores que discutem esse conceito: Susana B. Funck (1995); Mara C. S. Lago (1996); Joana S. Lazari (1993); Guacira L. Louro (1997 e outros); Margaret Mead (2000); Maria. C. Saraiva Kunz (1993 e outros) e Joan Scott (1995).

homens. Essa realidade é frequente e existe na nossa sociedade, contudo deve-se ter o cuidado para não generalizar, pois as mulheres também influenciam e educam os homens para serem “os verdadeiros homens”.

Na discussão do conceito de *identidade*⁸, o que mais se destacou foi a compreensão que a homossexualidade seria uma opção do sujeito, o que vem de encontro com o conceito de “coming out⁹” que é entendido como a aceitação, na qual a opção existiria em se reconhecer homossexual.

Alguns pontos abordados pelos autores sobre identidade, como identidade itinerante e crise de identidade apareceram em algumas falas dos sujeitos. Contudo, alguns informantes entendem que o homossexual efeminado não teria outra alternativa a não ser se assumir, ao contrário daquele que possui traços considerados bem masculinos. Estes poderiam ou não assumir a identidade, o que de certo modo a liga à identidade homossexual como um tipo fixo, próximo da mulher, afinal, os acadêmicos afirmam que suspeitam de que alguns homens sejam homossexuais pelos seus gestos, voz e vestimentas serem semelhantes as das mulheres.

Outra categoria bastante presente nas falas dos alunos foi o *preconceito*¹⁰, que de maneira geral é considerado muito forte, cristalizado, ou seja, não vai acabar, e que deve ser evitado nas intervenções dos professores de Educação Física.

Segundo os estudantes pesquisados, o preconceito no CDS (Centro de Desportos) é vinculado sob a forma de “brincadeira”, entendida em seus aspectos não intencional, seria algo “não verdadeiro”, ou seja, quando se diz para alguém que essa pessoa é “bicha”, “viado”, “gay”, realmente não se estaria associando o sujeito a uma possível homossexualidade. Isto seria apenas uma brincadeira, que segundo eles, seria dita apenas aos heterossexuais e não aos homossexuais. Contudo, esse pensamento vem de encontro com o conceito de brincadeira apresentado nesse estudo¹¹, que a considera uma forma

⁸ Cf. autores que discutem esse conceito: Kathryn Woodward (2000) e Tomas T. Silva (2000).

⁹ Cf. Adriana Nunan (2003) que discute esse conceito.

¹⁰ Conferir autores que discutem esse conceito: Reinaldo M. Fleuri (2000); Erving Goffman (1982) e Neusa M. M Gusmão (2000).

¹¹ Cf. Gisela Wajskop (1995).que discute esse conceito.

intencional de transmissão de valores. Estes ligados à questão da homossexualidade são geralmente negativos, de ironia e de violência simbólica.

Outra forma de se vincular o preconceito foi o que chamei de *homofobia velada*¹², isto é, atrás do uso da categoria *respeito*, que os alunos utilizaram, percebi uma aversão, um distanciamento físico e afetivo dos sujeitos homossexuais. Isto se deu, pois em última instância, os homossexuais seriam considerados portadores de uma sexualidade incontrolável e impulsiva. Neste sentido, segundo suas representações, até permite-se uma certa aproximação com sujeitos gays, mas sempre se tem/teria a impressão, idéia, de que eles iriam ultrapassar os limites de uma *amizade*¹³, por quererem estabelecer relações afetivas/sexuais. Este pensamento ficou mais evidente entre os/as alunos/as da 1ª fase.

Em relação ao campo de conhecimento da Educação Física, este não está fora de um contexto geral de representações sociais das categorias já apresentadas como gênero, identidade e preconceito. Em linhas gerais, os sujeitos apontaram que os homens apresentam mais dificuldades em se tocar, mesmo que seja para darem as mãos, do que as mulheres. A “nádegas” ainda é uma parte do corpo masculino que deve ser vigiada e não tocada pelo mesmo sexo, e em alguns casos até por mulheres.

A dificuldade dos homens se tocarem é fruto de uma construção social da masculinidade que restringe a afetividade nos homens, e por consequência quando ocorre tais contatos corporais entre os mesmos, estes tendem ou manifestarem ações homoeróticas ou homofóbicas¹⁴.

A dança ainda é uma das práticas corporais que mais geram preconceitos aos homens que a praticam, sobretudo nas aulas do curso de Educação Física da UFSC e isto porque é considerada historicamente uma atividade feminina¹⁵. Hoje, esse estereótipo já vem sendo rompido, como ocorre com o futebol feminino, percebeu-se que a atividade corporal não tem relação direta com a orientação sexual de quem a pratica.

¹² Cf. Daniel Welzer-Lang (2001). que discute esse conceito.

¹³ Cf. Francesco Alberoni (2003) que discute esse conceito.

¹⁴ Cf. Sócrates A Nolasco (1993) que discute essa idéia.

¹⁵ Cf. Fátima C. V. Leitão, & Iracema S. Sousa, (1995). que discutem essa idéia.

Em suma, percebi que a atuação profissional e a interferência do processo de formação, convívio com sujeitos homossexuais e vivência universitária formaram os pontos mais favoráveis para que os alunos da 7ª fase tivessem falas menos preconceituosas do que os alunos da 1ª fase.

Em relação à atuação profissional, os alunos da 7ª fase, em geral, demonstraram posturas não preconceituosas frente a situações que denotavam a homossexualidade de seus alunos. Tanto os alunos, quanto eu, e alguns autores como Mott, Nunan e Trevisan consideram que essa flexibilidade vem tanto de um maior convívio com gays, o que de certo modo é positivo, pois evidencia-se o lado humano e “normal” dos gays. Uma formação universitária pautada em conhecimentos humanísticos, foram os principais fatores para se estabelecer boas intervenções pedagógicas.

Embora considere que a formação desses estudantes tenha sido um ponto positivo para uma boa compreensão da homossexualidade, o CDS, segundo os alunos da 7ª fase, ainda não superou as representações sociais negativas associadas aos homens e mulheres que se relacionam sexualmente com outros/as sujeitos/as do mesmo sexo. O curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina ainda não tratou de uma forma organizada e científica, o tema da homossexualidade, reiteram os mesmos.

Em virtude dos limites do tempo exigido para o mestrado, além das pressões institucionais e profissionais, é preciso que se diga que este trabalho, de forma provisória, traz para os estudos da Educação Física, questões de suma relevância, tais como já evidenciei antes: homofobia, homofobia velada, identidades itinerantes, o não engessamento da categoria de gênero, além de fundamentalmente trazer à tona as diversas reflexões epistemológicas sobre homossexualidade. Considero, por fim, que a partir desses primeiros passos desta pesquisa, pode-se aguçar mais o olhar sobre as práticas corporais de Educação Física na perspectiva da discussão sobre o corpo e homossexualidade.

Contudo, a meu ver, ainda é necessário superar a partir de novos estudos, as questões/achados desta pesquisa. Assim, a partir disto será possível trazer à baila processos de discussão e debate acerca de temas como homofobia, corpo e homossexualidade, esporte e homossexualidade, e outros.

Referências Bibliográficas

- Alberoni, Francesco. (2003). **A amizade**. 20ª ed. Chiado: Bertrand.
- Berutti, Eliane B. (2002). Voz, olhar e experiência gay: resistência à opressão. In Garcia, W. & Santos, R. (Org.). **A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil**. (pp 23-32). São Paulo: Xamã: NCC/SUNY.
- Costa, Jurandir F. (1992). **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- _____. (1995). **A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo: Editora Escuta.
- Cunha Jr, Carlos F. F. & Melo, Vitor. A. (1996/2). Homossexualidade, Educação Física e Esporte: primeiras aproximações. In **Revista Movimento**. Ano III, (5).
- Dyer, Richard. (1993). **The matter of images: essays on representations**. London; New York: Routledge.
- Fleuri, Reinaldo M. (2000). Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educativos. In: **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**/ Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A.
- Fry, Peter. (1982). **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fry, Peter. & MacRae, E. (1985). **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultura: Brasiliense.
- Funck, Susana B. (1995). Da questão da mulher à questão do gênero. In S. B. Funck. (Org). **Trocando idéias sobre a mulher e a literatura**. (pp 17-22). PGI-DLLE/UFSC.
- Goffman, Erving. (1982). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Green, James N. (2000). **Alem do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Ed. UNESP.
- Gusmão, Neusa M. M. (2000). Desafios da diversidade na escola. In **Revista Mediações**. UEL. Vol.5, N. 2, jul/dez.
- Inácio, Emerson C. (2002). Homossexualidade, homoerotismo e homosociabilidade: em torno de três conceitos e um exemplo. In Garcia, W. & Santos, R. (Org.). **A escrita de**

adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil. (pp 59-70). São Paulo: Xamã: NCC/SUNY.

Lago, Mara C. S. (1996). Refletindo sobre gênero a partir de textos freudianos. In **Anais Fazendo Gênero. Seminário de estudos sobre a mulher.** Ponta Grossa.

Lazari, Joana S. (1993). **Papéis de gênero em mulheres de escolaridade superior engajadas profissionalmente.** Tese de doutorado, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre.

Leitão, Fátima C. V. & Sousa, Iracema S. (1995). O homem que dança ... In **Revista Motrivivência.** Ano 07, nº 08, dez.

Louro, Guacira L. (1997). **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes.

_____. (2000). Corpo, escola e identidade. In **Revista Educação e Realidade.** vol. 25, n. 2. Porto alegre: UFRGS.

_____. (2001). Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. In **Revista de Estudos Feministas.** Ano 9, 2º sem.

Luz, Agripino A. Jr (2001). **Gênero e Educação Física: O que diz a produção teórica brasileira das anos 80 e 90?** Dissertação de mestrado, Centro de Desportos, UFSC, Florianópolis.

Mead, Margaret. (2000). **Sexo e temperamento.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva.

Minayo, Maria C. S. (1995). O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In Guareschi, Pedrinho A & Jovchelovitch, Sandra. **Textos em representações.** 2 ed. Petrópolis: Vozes.

Motta, Joaquim Z. B. (1998). Homorrivalidade: A base emocional da violência no futebol. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** 19 (2), jan.

Nolasco, Sócrates A (1993). **O mito da masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco.

Nunan Adriana. (2003) **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo.** Caravansarai: Rio de Janeiro.

Parker, Richard G. (1991). **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Best Seller .

- _____.(2002). **Abaixo do equador**. Rio de Janeiro: Record.
- Saraiva Kunz, Maria. C. (1993). **Quando a diferença é um mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física**. Dissertação de mestrado, Centro de Educação, UFSC, Florianópolis.
- _____.(1992). Aula Coeducativa: uma chance de superação das desigualdades entre os sexos em aulas de Educação Física. In **Revista Espaço da Escola**, Ijuí, Ano 1(3): 29-36, Jan/Mar.
- _____.(1996). Educação Física e Coeducação. In **Diretrizes Curriculares para a Educação Física no Ensino Fundamental e Na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis/SC**. (pp 120-30). Florianópolis: NEPEF/UFSC – SMC.
- _____.(1994). O Gênero: Confronto de culturas em aulas de educação física. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 15(3): 247-52, Jun.
- _____. (1999). **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. Ijuí: UNIJUÍ.
- Scott, Joan. (1995). Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. In **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, 20(2): 71-99, Jul./Dez.
- Silva, Tomas T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. In Silva, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (pp 73-102). Petrópolis: Vozes.
- Spencer, Colin. (1996). **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record.
- Trevisan, João S. (2000). **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 3 ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Record.
- Wajskop, Gisela. (1995). A brincadeira entre a teoria e a prática: pistas para uma reflexão. In **Revista Motrivivência**. Ano 07, nº 08, dez.
- Welzer-Lang, Daniel. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In **Revista de Estudos Feministas**. Vol.9, no.2, p.460-482.
- Woodward, Kathryn. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Silva, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (pp 7-72). Petrópolis: Vozes.